

A “dor da beleza”: silicone industrial e hormônios na (re)invenção do corpo da travesti

Carlos Porcino
Psicólogo
carlosporcino@ig.com.br

O presente trabalho situa-se no campo de estudos sobre as (re)invenções corporais e, de forma mais específica, no que tange as modificações corporais das quais se utilizam *as travestis*¹ para *fazer*² ou *bombar*³ o corpo, com a intenção de promoverem mudanças com a finalidade de se tornarem mais femininas. Desse modo, encontram-se sempre diante de um corpo inacabado, pois a cada dia, o nosso corpo se modifica.

A partir daí, as buscas através dos retoques podem se tornar uma tarefa extremamente exaustiva na busca pelo (re)inventar do corpo idealizado. Entretanto, por mais modificações que sejam feitas, transformá-lo no real, é sempre da ordem do impossível. Porém, é provável que essa busca excessiva, leve-nas a obsessão, chegando ao ponto de não se darem conta dos riscos a que estão submetidas. Com isso, desafiam a biologia e descobrem que o futuro do corpo está vinculado sobre o que possível modificar e (re)inventar.

Para realizar este trabalho partimos da hipótese de que a travesti (re)inventa o corpo, com vistas a se aproximar da feminização. No entanto, não desejam se tornarem uma mulher, pois o pênis, também é considerado seu instrumento de trabalho – referindo-se aqui, as travestis que encontram na prostituição um meio de sobrevivência.

O jogo da travesti é o jogo da conquista, a construção desse personagem, buscará sempre o olhar do outro, e nessa dimensão, o corpo também é visto como espetáculo. Encontra-se aí, a intenção de ser vista como objeto de desejo. Nesse sentido, o conceito de corpo *construído* se aplica plenamente ao corpo da travesti. Pois, uma das mais importantes dimensões de sua vivência é a dimensão pública (OLIVEIRA, 2007).

¹ O vocábulo travesti é considerado substantivo masculino de acordo com a língua portuguesa, neste trabalho, será utilizado acrescido do artigo feminino “a”, ou seja, ‘a travesti’, em respeito à identidade de gênero, e a forma como conversam entre si, pois o modo a que se dirigem umas as outras é sempre no feminino.

² O vocábulo “fazer” tem o significado de modificar o corpo, ou seja, utilizar-se do silicone industrial e hormônios femininos com a intenção de alterar as formas corporais.

³ *Bombar* é um termo êmico utilizado pelas travestis e equivale a “fazer” o corpo, porém é feito por uma “bombadeira” que também é uma travesti que possui a prática e habilidade de aplicar o silicone industrial, recebendo pelos serviços prestados, com a intenção de promover as modificações solicitadas pela cliente com vistas a construção, (re)inventando o corpo transformando a silhueta onde as formas femininas ficam mais acentuadas.

De forma geral, as buscas estéticas prometem a promoção da saúde com a melhoria da qualidade de vida e auto-estima. Porém, nem sempre, tais práticas promovem os resultados esperados e com isso, existe a possibilidade de ocasionarem prejuízos físicos e psíquicos aos seres humanos, que passam a conviverem com tais agravos para os restos de suas vidas.

Para as travestis, isso não é diferente em virtude de buscarem o corpo que idealizam – se é que isso é possível -, e dentro desse contexto, a busca torna-se ambígua, pois que buscam um corpo esteticamente desejável com o uso de técnicas e substâncias com um elevado grau de toxicidade à saúde (PORCINO & LIMA, 2007).

Vale ressaltar, que a proposta deste trabalho, não é fazer apologia ao uso do silicone industrial e nem promover juízo de valor para com as travestis que optaram por essa prática independente de suas escolhas, mas de propor reflexões.

Para Denizart (1997) a travesti “[...] não é considerada um imitador da mulher, assim como a fotografia não é uma duplicata do real sensível” (p.14). Para este autor, estudiosos ao tentarem definir o que é uma “[...] travesti, afirmam que ele inventa um novo feminino” (p. 8).

É possível concordar com o mesmo quando ele afirma que isso não é tudo, pois parafraseando Beauvoir (1980) não se nasce mulher, torna-se uma. Dessa forma, é interessante ressaltar que as travestis no processo de (re)invenção do corpo não consideram o sexo anatômico como destino, pois para elas o que importa é a busca com vistas à superação, o que produz “[...] um jogo de indistinção sexual. Uma vez desmarcada o futuro do corpo é a prótese. Isso os travestis compreenderam bem. Há muito tempo” (DENIZART, 1997, p. 8). Assim, a travesti não imita a mulher e, se na sua forma inicial tenha acontecido “[...] foi para livrar-se dela, como um dia se livrou do homem” (*op. cit.* p.14).

Soler (2005) relata que não há essência do masculino e do feminino e consequentemente a anatomia deixa de ser o destino. E ao referenciar Lacan, afirma ela, que cada um possui a [...] liberdade de se alinhar de ou lado ou do outro, existe escolha para ambos os sexos. (p. 226).

Ferreira (2003) relata que apesar da travesti ser um fato presente em vários contextos históricos e culturais, a intolerância, a prostituição, as drogas e a violência fazem dela um fenômeno de sentido muito particular em sociedades complexas como a brasileira. É interessante notar que, apesar de todo esse processo a que se submetem, as travestis continuam sendo enigmáticas, pois sua nova identidade, assim como o corpo

(re)inventado são construídos sob o impacto de fortes emoções e conseqüentemente inúmeros conflitos. Momentos que antecedem e sucedem essas etapas são singulares e possuem sentidos próprios para cada sujeito, visto que engloba o “dar sentido” e significado a mais essa experiência dolorosa.

Nesse processo de dor e angústia que envolve a (re)invenção desse corpo, a psicanálise se debruça sobre o desejo inconsciente e coloca que não é possível satisfazê-lo na realidade. O que por sua vez, possibilita não mais ignorar esse corpo. O que permite pensar, que a grande relevância para a psicanálise seja a representação que o sujeito tenha acerca desse corpo, em função deste emanar sensação e sedução. E, acerca da concepção do corpo para a psicanálise Teixeira (2000) diz que este é

“[...] pulsional, regido pela libido, visando basicamente a satisfação. Esse corpo se distingue do organismo, cuja função primordial é a reprodução da espécie e da procriação. Ao corpo pulsional não interessa a finalidade biológica da reprodução, pois a sexualidade humana nada mais tem de natural, uma vez que se inscreve no campo simbólico tendo, desse modo, arrancado o corpo pulsional da sua função biológica, desnaturalizando-o pela incidência do significante (p. 32)”.

Desse modo, surge como alternativa para as travestis, a (re)invenção e construção de um novo corpo e conseqüentemente uma nova identidade, que necessariamente não precisa ser adequada ao sexo biológico, pois esta é construída socialmente, num processo simbiótico em interação com o meio em que vive e com isso tem a oportunidade de se expressarem como sujeito, com atitudes e conhecimentos sobre si mesmo (FAGUNDES, 2001).

Para refletir sobre a problemática da travesti e sua reinvenção corporal é necessário recorrer a Le Breton (2000) que desenvolve seu trabalho sobre a sociologia do corpo e afirma que

“[...] moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...] do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva (p.7).

Ainda para este autor, o corpo é considerado um jogo onde as montagens e sobreposições são feitas de formas sutis em conjunto com outros corpos possibilitando combinações e experiências inusitadas (LE BRETON, 2006).

O silicone industrial é utilizado para uso em automóveis com a finalidade de lustrar e lubrificar peças, sendo facilmente encontrado em lojas especializadas. O que é perfeitamente condizente com o dicionário Houaiss da língua portuguesa onde o verbete

silicone está relacionado ao ramo químico com designação genérica de polímeros, com grande estabilidade térmica e química, usado como lubrificante, fluido hidráulico, antiespumante, adesivo, apesar de ser também usado também em dermatologia cosmética. No presente trabalho abordaremos apenas ao tipo industrial, ou seja, na sua forma líquida, do qual as travestis se utilizam para modificarem as formas corporais.

Segundo Marques (2007) o silicone industrial – na sua forma líquida -, é o recurso mais utilizado para fazer o corpo pela grande parte das travestis, com o objetivo de proporcionar aumento dos lábios, seios, coxas, pernas e panturrilhas. Vale salientar que o produto nessa forma de apresentação não possui autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, bem como, não é reconhecido pelo Ministério da Saúde para uso envolvendo seres humanos. As aplicações são feitas por “bombadeiras”. Elas utilizam seringas de 5ml e agulhas de calibre 40x12, tendo em vista, o seu grosso calibre, são utilizadas no contexto da saúde para a preparo de soluções e medicamentos, e não para administração de medicações por via intramuscular - IM.

Durante o processo de aplicação do silicone industrial, o organismo pode desenvolver uma resposta imediata através de reação alérgica que pode evoluir para uma forma mais grave ocasionando o choque anafilático e que se a vítima não for socorrida rápida e de forma adequada, pode haver complicações e conseqüentemente poderá evoluir para o óbito. Pode ocorrer também uma resposta imunológica tardia, onde o organismo reconhecerá como um corpo estranho.

A embolia pulmonar de forma bem simples, é caracterizada como um bloqueio súbito de um grande vaso sanguíneo (artéria) no pulmão, geralmente por um coágulo e, a depender de seu tamanho pode interromper o fluxo sanguíneo a probabilidade da ocorrência do óbito torna-se significativa à medida que um socorro médico adequado e rápido não é priorizado.

Outras situações também põem em risco a saúde da travesti que se submete ao uso do silicone industrial, como por exemplo, à medida que as agulhas adentram a pele, podem, a depender de a localização atingir um vaso calibroso, assim como a inobservância da presença de bolhas de ar na seringa – muito comum no silicone industrial, por sua viscosidade -, a duração do procedimento – o risco aumenta em função do tempo de realização -, o tabagismo – em função de causar constrição dos vasos – o uso de hormônios – anticoncepcionais -, entre outras como: câncer, hipertensão, processos infecciosos, etc.

Os anticoncepcionais – contraceptivos orais e injetáveis – também são muito utilizados pela travesti no processo de (re)invenção do corpo em virtude produzirem efeitos que dão proporcionam uma silhueta feminina, estimulando o crescimento dos seios e quadris, porém seus efeitos podem ser extremamente perigosos se utilizados de forma indiscriminada. Os efeitos colaterais envolvem a retenção de líquido, aumento de peso, interfere no funcionamento da tireóide, diminui a libido, predispondo a doenças auto-imunes. Algumas travestis alegam não utilizarem esse recurso, em função do prejuízo ao desempenho sexual (as que realizam programas), assim como o enjôo, náuseas, vômitos e mal-estar, deixados pelo uso dos contraceptivos orais e injetáveis.

E, com o passar do tempo, o silicone industrial sofre uma transformação tornando-se uma espécie de “pedra”. A partir daí, a depender de sua localização existe a probabilidade de comprimir órgãos, veias e artérias calibrosas, provocando danos severos ao organismo. Os orifícios deixados pela retirada das agulhas são em seguida tamponados com algodão e cola de secagem rápida “cola maluca” e/ou esmalte para unhas.

Como o silicone líquido não é envolvido por uma membrana resistente, como é o caso daqueles em forma de próteses, existe a possibilidade dele se espalhar pelo corpo. Com isso, valores administrados por via intramuscular, superiores ao uso recomendado para essa via, podem desenvolver um processo inflamatório, necrosando a área afetada em que foi administrado e na sua forma mais grave, pode evoluir para amputação das partes comprometidas, evoluindo para uma infecção generalizada e de forma mais grave, configurar o óbito. O processo para removê-lo é muito difícil em função de ele aderir ao tecido e formar o *siliconoma*⁴, uma espécie de pedra, que na maioria das vezes sua retirada só é possível através da remoção de parte da pele e tecido conjuntivo envolvido ocasionando várias deformações.

Numa tentativa de conclusão, muitas questões ficaram sem respostas. Pois, cada travesti com sua subjetividade, singularidade e individualidade próprias, podem apenas falar de si. Então, (re)inventar, modificar para deformar, dar forma, quem sabe? Os processos a que se submetem na (re)invenção corporal é uma forma de lidar com o mal-estar causado pela imagem de seu próprio corpo? Essa nova identidade possibilitaria fazer o laço cultural, onde o sujeito se faz presente? Seria esse corpo (re)inventado uma

⁴ Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica significa que o silicone em função de ser um corpo estranho ao organismo ocorre a aderência do tecido, formando uma espécie de “pedra” que é denominado siliconoma, visto que se trata de um processo inflamatório linfocitário.

forma de produzir sentido? Por ser o corpo da ordem do impossível do dizer, as modificações e (re)invenções será uma forma desse corpo falar? Na clínica psicanalítica, o corpo, assim como o sintoma é tocado pela figura do analista através do campo da palavra. A partir do momento em que o analista pontua, ocorre uma intervenção no inconsciente e conseqüentemente na história de vida desse sujeito. Então, os efeitos se apresentam no corpo, que via de regra é afetado, em função de ter sido tocado fala.

Por fim, em Psicanálise, não se pode abstrair da palavra e nem do corpo, pois no processo analítico corpo e palavra se separam? É possível pensar que não, tendo em vista que a palavra promove efeitos sobre o corpo, e vice-versa, ocorrendo então um entrelaçamento o que possivelmente possibilite um tratamento sob a perspectiva psicanalítica.

REFRÊNCIAS

DENIZART, H. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FAGUNDES, Tereza C. P. C. Educação e construção da identidade de gênero. In: _____(Org.). **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: UFBA – Pró-Reitoria de Extensão, 2001. p. 13-17.

FERREIRA, R. S. **As bonecas da pista no horizonte da cidadania**: uma jornada no cotidiano travesti. 2003. 125 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. São Paulo: Papyrus, 2000.

MARQUES, M. **Saúde alerta para risco do uso de silicone industrial**. *Net*, Belo Horizonte, Secretaria de Saúde de Estado de Minas Gerais, jun. 2007. Seção Notícias e Eventos. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/noticias_e_eventos/saude-alerta_-para-risco-do-uso-de-silicone-industrial/?searchterm=silicone>. Acesso em: 12/12/2006.

PORCINO, C. A.; LIMA, D. S. **A percepção das travestis que (re)inventam o corpo na cidade de Salvador acerca do envelhecimento**. Salvador, 2007, 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Faculdade de Tecnologia e Ciências, Salvador.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia as mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TEIXEIRA, Maria Angélica. Ainda o corpo. In: CABEDA, Sonia T. L.; CARNEIRO, Nadia V. B.; LARANJEIRA, Denise H. P. **O corpo ainda é pouco**. II Seminário sobre a contemporaneidade. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000. p. 31-34.